

# FASCISMOS BRASILEIROS? UMA DISCUSSÃO SOBRE O INTEGRALISMO E O BOLSONARISMO

## BRAZILIAN FASCISMS? A DISCUSSION ON INTEGRALISM AND BOLSONARISM

### ¿FASCISMOS BRASILEÑOS? UNA DISCUSIÓN SOBRE INTEGRALISMO Y BOLSONARISMO

 <https://doi.org/10.46401/ardh.2023.v15.18317>

Sergio Schargel

Universidade Federal do Rio de Janeiro

 <https://orcid.org/0000-0001-5392-693X>  
sergioschargel\_maia@hotmail.com

Recebido em: 03 de abril de 2023.

Primeira revisão: 08 de maio de 2023.

Revisão final: 20 de maio de 2023.

Aprovado em: 20 de maio de 2023.

GONÇALVES, Leandro Pereira; NETO, Odilon Caldeira. **O Fascismo em camisas verdes**: do Integralismo ao neoIntegralismo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2020.



O Bolsonarismo tornou-se objeto de escrutínio dentro das ciências humanas. Diversas áreas têm esmiuçado vários de seus aspectos, considerando a heterogeneidade que compõe o movimento. Mas um, em particular, tem sido posto em segundo plano em relação a outros como o caráter economicamente liberal, o neopentecostalismo, as Forças Armadas: a simbiose do Bolsonarismo com o Integralismo. Mas, para entender essa relação, é preciso antes entender o que foi/é o Integralismo.

No dia 24 de dezembro de 2019, o Brasil lembrou com surpresa que o Bolsonarismo não havia sido a possível primeira versão de um fascismo

no país. Motivados pela veiculação de um especial de Natal no *Netflix* que trazia um Jesus homossexual, uma facção integralista lançou coquetéis *molotov* na sede da produtora Porta dos Fundos, por pouco não vitimando um segurança. Um dos perpetradores estava filiado ao ex-partido de Jair Bolsonaro, o Partido Social Liberal (PSL). Em pouco mais de 200 páginas, o livro de Leandro Pereira Gonçalves e Odilon Caldeira Neto, *O fascismo em camisas verdes*, empreende com sucesso uma genealogia do Integralismo, desde a sua fundação abertamente inspirada pelo Fascismo, até a formação das diversas facções contemporâneas que se denominam herdeiras.

O livro abre com um encontro antes do começo oficial do Integralismo. Se a fundação da *Ação Integralista Brasileira* como movimento — não como partido, exatamente o que Benito Mussolini havia feito com o *Fasci di Combattimento* e como sugeriu que Plínio Salgado fizesse — tem uma efeméride para chamar de sua, a publicação do *Manifesto de outubro* em 07 de outubro de 1932<sup>1</sup>, o embrião data de dois anos antes: o encontro entre Salgado e Mussolini (GONÇALVES; NETO, 2020, p. 09). Salgado, que já havia ido em excursão pela Europa com a intenção de se aproximar de movimentos nacionalistas europeus e aprender seus métodos, ficou fascinado com o Fascismo. Um movimento nacionalista de massas, sem precedentes na História, com um líder messiânico e personalista a quem Salgado afirmava ser “o profeta do mundo contemporâneo” (GONÇALVES; NETO, 2020, p. 09).

Voltando ao Brasil, Salgado deu início à gestação do movimento que viria a se tornar o Integralismo. O primeiro capítulo de *O fascismo em camisas verdes* se volta para detalhar este processo inicial, sua estruturação, a cooptação, e sua disseminação, bem como a formação de sua ideologia nacionalista. Ressalta diversos traços do nacionalismo, alguns inusitados. Pois, como movimento de matriz fascista, o Integralismo manifestava um traço típico do fascismo: tornar o privado em público. Nesse sentido, buscava invadir e influenciar o indivíduo em toda a sua relação. Não é sem motivo que o movimento lançava mão de pequenos nacionalismos, como, por exemplo, a figura do “Vovô Índio”, uma tentativa de substituir o Papai Noel, identificado com o imperialismo estado-unidense.

A formação de historiadores dos autores se faz evidente pela quantidade de detalhes e informações com que rechearam a obra. *O fascismo em camisas verdes* traz inúmeros documentos, imagens, ritos, efemérides e mitos, mostrando, no processo, o Integralismo como um fenômeno que ultrapassa a política, quase como uma religião cívica. O Integralismo formou uma associação, uma irmandade unida em torno de símbolos comuns e da figura messiânica do líder. Tudo isso com aspectos idiossincráticos que, por mais paradoxal que soe, o aproximava e o distanciava dos fascismos europeus. Pois, se por um lado trazia traços particulares, por outro emulava os modelos estabelecidos por seus antecessores:

---

1 Curiosamente, sem adentrar em detalhes por não ser o foco aqui, mas Mussolini tinha tão pouca preocupação programática e ideológica com o seu movimento que a *Doutrina do Fascismo* foi publicada no mesmo ano, quase 15 anos depois da criação do *Fasci di Combattimento*.

Os rituais e a simbologia integralistas enquadravam o indivíduo no ciclo místico da repetição, fazendo com que o reproduzisse em todos os dias de sua vida. Os *Protocolos e rituais* introduziram palavras mágicas, simbolizando essa força por meio das palavras utilizadas nas fórmulas e nos rituais (GONÇALVES; NETO, 2020, p. 41).

Há de se destacar uma vez mais a tarefa dos autores em desvelar a fundo fragmentos do Integralismo que, no geral, passam despercebidos por análises sociológicas ou políticas. Um trabalho que termina por humanizar o movimento, expondo-o não como um *alien* — como o epíteto de fascista por vezes promove —, mas como um fenômeno social que transcendia a política para assumir protagonismo em diversas esferas da vida individual. Como uma religião, o Integralismo promovia ritos de casamento, nascimento e morte — este último particularmente interessante, dado que o morto era “convocado” a lutar na “milícia do além”, cujo comandante era o próprio deus cristão (GONÇALVES; NETO, 2020, p. 39).

Tendo sido o Integralismo um movimento de vida longa, tanto mais considerando que fragmentos e facções ainda persistem nos dias de hoje, a obra segue uma estrutura linear cobrindo cronologicamente os momentos mais relevantes da trajetória do movimento e de Salgado. São quase cem anos de História resumida em pouco mais de 200 páginas, passando pelos momentos mais significativos: o protointegralismo, a ascensão, a institucionalização, a chegada ao poder, a entropia e, por fim, o que os autores chamam de “neointegralismo”, com a morte de Salgado. É interessante, nesse sentido, colocar a obra em diálogo com as teorias de Paxton (1998) sobre como o fascismo, qualquer que seja sua manifestação, obedece a uma estrutura de cinco estágios: 1- Criação dos movimentos; 2- Enraizamento no sistema político; 3- Chegada ao poder; 4- Exercício do poder; 5a- Entropia; 5b- Radicalização, que perpassam da sua fundação à entropia. Os estágios, contudo, não necessitam de sequencialidade, de forma que um movimento de matriz fascista pode passar da chegada ao poder direto à entropia. Como foi o caso com o Integralismo.

Ainda que mantenha relativa relevância no cenário político nacional mesmo em 2022, tendo voltado aos noticiários com sua ligação ao Bolsonarismo e os atentados de 2019, o Integralismo sofreu um processo de esvaziamento e enfraquecimento graças ao Estado Novo varguista. Conforme Paxton (1998), um movimento fascista depende de diversas variáveis para passar de estágios, mas uma em particular se destaca: a necessidade de apoio de elites conservadoras e/ou liberais, que não se misturam com os fascistas<sup>2</sup>, mas buscam apoiá-los como uma “alternativa muito pior”, ou “uma escolha muito difícil” em relação à esquerda. Em suma, o medo dos conservadores em relação a uma alternativa à esquerda catapulta uma aliança desconfortável com os fascistas, como Paxton lembra sobre o exemplo francês: “O fascismo inicial prosperou na França, mas a maioria dos conservadores não se sentiu suficientemente ameaçada na década de 1930 para pedir sua ajuda, e o fascismo não estava suficientemente enraizado e forte para se impor como alternativa” (PAXTON,

---

2 E nem o poderiam ser, ao menos nos princípios do conservadorismo burkeano por seu princípio de conservação do *status quo* — em oposição ao reacionarismo fascista de destruição à recriação e volta a um passado idílico —, caráter elitista e aversão às massas.

1998, p. 17, tradução nossa). A partir disso decorre um ponto de inflexão: os fascistas e conservadores, em permanente conflito, disputam quem vai se sobressair. Se os conservadores mantiverem uma força relativa, como foi o caso, por exemplo, da diarquia estabelecida na Itália fascista, o regime tende a migrar gradualmente à entropia, com caráter mais voltado ao autoritarismo tradicional e mobilizações de massa em momentos específicos. Se, ao contrário, os fascistas predominarem, o regime tende à radicalização, como o caso do Nazismo.

No caso particular do Integralismo, ocorre o mesmo que aconteceu com o Falangismo e o Franquismo, ou o Salazarismo e o Integralismo lusitano: as elites conservadoras/liberais se unem aos fascistas, utilizando-os para chegar ou manter o poder, copiam algumas de suas técnicas, símbolos e ritos, absorvem parte do seu contingente, mas os abandonam tão cedo tiverem a oportunidade. O apoio Integralista a Vargas — não apenas por proximidade ideológica e, mais notável, a luta contra um inimigo em comum, mas também por pretensões individualistas de Salgado, a quem Vargas havia prometido o Ministério da Educação (SALGADO, 1950, p. 103-104) — foi revertido com a Lei de Segurança Nacional, que lançou o movimento na clandestinidade e fincou as bases de um revanchismo que daria origem à tentativa golpista fracassada de 1938 (mantendo as tradições fascistas de nunca assumir o poder Executivo por um golpe, mas através da própria democracia).

No seguinte ao fracasso do levante, a prisão de Salgado no ano seguinte e seu autoexílio, o movimento integralista entra não apenas na clandestinidade, mas também se torna submisso ao Estado Novo. O *Manifesto de maio*, escrito um mês antes de partir para o autoexílio, é praticamente um pedido de desculpas a Vargas e estabelece diretrizes para que os Integralistas não promovam novos levantes. A atitude permaneceria majoritariamente inalterada durante o período de Salgado em Portugal, de onde enviaria diversas cartas a Vargas.

Somente em 1946, com o retorno de Salgado ao Brasil, o fim da Guerra e do Estado Novo, o Messias Integralista volta a assumir uma posição ativa e publica o *Manifesto-diretiva*. Seguindo a tradição de colocar Nazismo e comunismo como equivalentes de sinais trocados, unidos pelo rótulo homogeneizante de “totalitarismos”, Salgado renega as origens fascistas do Integralismo e passa a se afirmar como defensor da democracia. Nisso, volta à vida política se lançando à presidência em 1955 (tendo terminado em quarto lugar, com 8% dos votos) e, posteriormente, como candidato federal. Nos anos seguintes, apoia o golpe de 1964 e adere ao Aliança pela Renovação Nacional (Arena). Sua morte na década de 1970 dá início a um novo ciclo do movimento, que, sem o seu Messias, divide-se em diversas facções em permanente conflito interno. Sem nunca, no entanto, desaparecer por completo.

Não apenas não desaparece, como se mostra um dos antecessores do Bolsonarismo. Além do apoio maciço dos integralistas contemporâneos a Jair Bolsonaro, visto como “o candidato menos distante dos valores cristãos e brasileiros consubstanciados no lema ‘Deus, pátria e família’” (GONÇALVES; NETO, 2020, p. 19), e de Integralistas assumidos ou simpatizantes entre a alta cúpula ministerial, como um assessor de Damares Alves (ALVES, 2020), um dos lemas mais utilizados pelo presidente, “deus, pátria e família”, é herdado do

Integralismo. Gonçalves e Neto (2020) mostram durante todo o livro, mas com particular atenção no último capítulo, como o Bolsonarismo foi um movimento de longa e lenta gestação, e sua relação com antecessores. A estrutura linear e cronológica de *O fascismo em camisas verdes* permite, dessa forma, que o leitor absorva os ciclos, estágios, antecessores e sucessores do Integralismo.

Analisar a História do Integralismo, e mostrar a sua relevância política no último século, como bem o fazem Gonçalves e Neto, é fundamental, para além do aspecto acadêmico, por ilustrar a tradição autoritária brasileira. Por mostrar que há, no Brasil, uma cultura política autoritária que remonta de suas origens nacionais. O Bolsonarismo, ainda que com suas idiossincrasias, devora e regurgita traços de movimentos anteriores como o Fascismo, a Ditadura Militar e o Integralismo, de forma que entendê-los se torna crucial para entender o novo-velho autoritarismo brasileiro de 2022. Assim, *O fascismo em camisas verdes* é um livro que precisa ser lido não apenas por pesquisadores do Integralismo, mas por todos aqueles, leigos ou cientistas sociais, interessados em entender a erosão democrática que o Brasil vive desde o início da última década. Pois, por mais que o Bolsonarismo seja o seu próprio fenômeno, ele não está em absoluto dissociado de seus antecessores.

## Referências

PAXTON, Robert. "The five stages of fascism". **The journal of modern history**, v. 70, n. 1 (1998): 01-23. Chicago: Chicago University Press, v. 70, n. 01, 1998, p. 01-23. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/235001>. Acesso em 30 mar. 2023.

SALGADO, Plínio. **O Integralismo perante a nação**. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1950.